

A Tumba de Sargerias

Robert Brooks

Parte um: O destino de um outro

Quase todo o navio tinha sido destruído pelas chamas.

As vigas metálicas do casco, forjadas há muito tempo em Lordaeron, jaziam no leito oceânico, assim como os restos mortais dos passageiros e da tripulação. Somente pequenos pedaços de madeira e tecido calcinado apareciam na superfície, ainda brilhando, as brasas verdes chiando sob as ondas.

Ainda queimariam por horas. Fogo vil não pode ser apagado por água comum.

Os destroços foram dar em uma praia de rochas negras. Um vulto solitário avançava, trôpego. Sua pele era seca e branca, recoberta de chagas. Ele avançou na direção da água e ficou remexendo os destroços.

Ele ergueu uma tábua queimada e a cheirou. Em seguida, lambeu uma das brasas, que rebrilhou e se apagou com um chiado. Os olhos pulsaram com energia esverdeada. Ele sorriu.

"Mais... eu preciso... de mais..."

Ele jamais provara fogo vil. Um pedaço maior começou a atraí-lo para o sul. Ele prosseguiu, trôpego, margeando a costa. Sabia que não era boa ideia entrar no território dos Vigilantes.

Ele não se recordava de um único dia em que não tivesse sentido aquela necessidade. Esforçou-se para lembrar. Certamente nunca houvera uma época em que não quisesse nada. Não. Era impossível. As lembranças de postar-se imponente em Suramar, consumindo sua porção de energia...

... os dias antes do exílio...

... eram apenas fantasias, evanescendo rápido. Isso era bom. As coisas ficariam mais fáceis quando as lembranças acabassem.

Ele não precisava de Suramar. Poder, era disso que ele precisava. Não consumira nada por dias, nada além daquela única brasa, e não havia muito mais disponível na área. Muitos outros como ele vagavam por ali. Mas havia mais do naufrágio em mar aberto, e certamente haveria mais poder lá. Ele podia sentir. Não era longe. Assim, prosseguiu, ignorando a exaustão, em direção ao que estava obcecando sua mente.

Ele sabia que outros também seriam atraídos para lá.

"Mas é meu, é meu, é só meu, só meu..."

Estava tão perto agora, chamando-o do mar aberto.

Ali.

Um cadáver jazia de bruços nas rochas, tocado suavemente pelas ondas. Quem quer que fosse, havia sido muito poderoso. Mesmo depois de morto, sua energia mágica brilhava como um sol.

Seria um prazer devorá-lo todinho.

De tanta pressa, ele caiu e começou a avançar de quatro. Ouviu gritos irritados ao longe. Outros tinham chegado. Eles também comeriam bem. Havia bastante para todos. Mas primeiro ele.

Ele puxou o manto negro de cima do cadáver. Um orc. Pele verde. Pulsando com magia negra e marcas estranhas. Nunca tinha visto uma aura tão forte. A energia iria sustentá-lo por...

Dias? Semanas? Anos?

Seus dedos se curvaram sobre o corpo, sugando um pouco da radiância potente. Era vil. E era belo. Ele bebeu bastante.

Ele sentiu a força. O Fogo. O Poder.

Ele sentiu dor. A mão verde do cadáver se fechou em sua garganta, apertando forte.

Ele sentiu medo. O orc estava se levantando. Não era um cadáver. Nunca fora. Olhos rubros e brilhantes o encaravam. — Você não pagou o preço por esse poder, não como eu paguei — disse o orc. Os seus olhos se estreitaram e os lábios se contorceram em um sorriso. — Mas pode beber mais.

O exilado gritou. Torrentes de magia vil invadiram sua mente. Ele vivia de magia. Agora afogava-se nela, sufocando sob um oceano sem fim de fogo verde. Estava saciado até o limite, mas ainda mais magia vil o inundava.

Então, em um instante, acabou. Toda a magia do orc e a sua também, drenada até a última gota. Nada restava além do vazio e da agonia.

Mas ele percebeu, enquanto seu coração parava de bater, que faria qualquer coisa para ter aquele poder novamente...

Com um gesto casual, Gul'dan deu um fim à vida daquele miserável, deixando seus restos encharcados nas rochas. Ele se assemelhava a um elfo aos olhos de Gul'dan, mas não como os

que tinham invadido Draenor, que não pareciam tão debilitados. — O que ele era? — perguntou Gul'dan ao seu mestre.

"UM NOCTÍVORO. EXILADO DE SURAMAR."

Os outros começaram a correr para longe, mas não se afastaram muito. Gul'dan ergueu as mãos e, pouco depois, todos os Noctívoros caíram no chão, mortos, com as carcaças ressequidas. Torvelinhos de névoa esverdeada se evolveram de seus corpos, indo na direção das mãos de Gul'dan, e então desapareceram sob sua pele.

Gul'dan fechou os olhos e exalou lentamente. O peso de sua exaustão diminuía apenas um pouco, mas sua satisfação era mais profunda. Era bom ser o predador outra vez. Esperava que aquilo durasse.

Ele cambaleou para longe da praia exposta. Não havia motivo para facilitar as coisas para seu perseguidor. Não parou até estar bem mais para dentro do continente, oculto entre penedos e árvores ressequidas.

Ele se sentou para descansar. — É este o lugar? As Ilhas Partidas? — perguntou Gul'dan.

"SIM. CONTINUE ANDANDO."

Gul'dan odiava a maneira como a voz de Kil'jaeden ecoava em seu crânio. A voz preencheu sua mente no instante em que ele entrou naquele mundo e não lhe dera um segundo de descanso. — Preciso de tempo — murmurou ele.

"NÃO HÁ TEMPO A PERDER."

Gul'dan se encostou em um rochedo. Seu pacto com a Legião Ardente lhe concedera poder, mas sua postura continuava retorcida e encurvada como sempre. Seu corpo mortal ainda estava fraco. — Eu preciso de tempo. O arquimago é mais poderoso do que você pensa. — Gul'dan quase morrera ao nadar até a praia usando apenas a força física. Se Hadggar tivesse detectado qualquer traço de energia vil se afastando do navio mercante em chamas... Bom, não aconteceu, mas agora Gul'dan mal conseguia ficar de pé. — Eu só preciso de um instante.

"NÃO."

Gul'dan continuou parado, recuperando o fôlego.

— VOCÊ ME DESOBEDECE? —

O orc grunhiu. Ele fora até um novo mundo, roubara um navio e navegara por um oceano desconhecido enquanto um perseguidor implacável o seguia de perto. Ao responder, Gul'dan não conseguiu disfarçar a raiva: — Eu provei minha lealdade inúmeras vezes.

"VOCÊ FRACASSOU INÚMERAS VEZES. NÃO PROVOU NADA."

Gul'dan se levantou, ignorando a fadiga. *Eu fracassei? Eu?* Ele manteve aquele pensamento escondido. Cumprira sua parte do trato. A Legião tinha fracassado. Nenhum dos seus planos deu em alguma coisa. Mannoroth, algoz de milhares de mundos, morreu em uma emboscada. Auchindoun e todo o seu poder tinham sido conquistados, mas só por alguns míseros instantes.

Até Arquimonde fracassara.

Um pensamento perigoso surgira. *Por que esperar que dessa vez seja diferente?* Gul'dan escondeu essa dúvida no fundo da mente. Bem no fundo mesmo.

— Para onde eu devo ir, então? — perguntou ele, com a voz fria feito a morte.

"VOLTE POR ONDE VEIO."

Gul'dan olhou na direção do oceano. — Eu não compreendo.

"VOCÊ VISITOU ESSAS ILHAS ANTES. HÁ DÉCADAS. NÃO ESTÁ SENTINDO?"

— Aquele não era eu — disse Gul'dan. Um desconforto gélido tomou conta dele. Saber que tinha havido outro Gul'dan, que vivera e morrera naquele mundo, naquela linha do tempo, trazia um desconforto. — Nós não somos o mesmo.

"SE VOCÊ NÃO FOR, ENTÃO NÃO ME SERVE DE NADA. VÁ PARA O NORTE."

Desobediência não era uma opção. Não ainda. Gul'dan recomeçou a caminhar, lentamente, tentando captar sinais de divinação. Não tinha dúvida de que o arquimago Hadggar já havia começado a vasculhar as ilhas. Noctívoros famintos perambulavam pela área, mas todos fugiam ao sentir a presença ameaçadora do bruxo. Muitos se escondiam nos restos de naufrágios antigos espalhados pela costa. Gul'dan estava satisfeito; seria frustrante para Hadggar examinar tudo aquilo. Não havia nenhum corvo à vista, embora alguns abutres circulassem alto no céu. Eles se mantinham afastados.

— O que aconteceu aqui? Com... o outro eu? — A pergunta era amarga, mas ele precisava saber. Tudo o que ele ouvira — em meio aos gritos dos infelizes soldados da Aliança e da Horda que tinham caído em suas garras em Draenor — foi que o Gul'dan daquela linha temporal acompanhara a primeira Horda na guerra e fora derrotado e morto. Mas era difícil descobrir

detalhes. Talvez isso significasse que o fim de Gul'dan tinha sido discreto, que sua morte não tinha sido interessante o bastante para ser lembrada. Não era um pensamento reconfortante.

"VOCÊ ERGUEU UMA ILHA, THAL'DRANATH, DAS ÁGUAS."

— Por ordem sua?

"VOCÊ NÃO VEIO AQUI PARA FAZER PERGUNTAS. VOCÊ VEIO PARA VISITAR ESSA ILHA NOVAMENTE. O CAMINHO É LONGO. ANDE."

Os pensamentos de Gul'dan continuaram a nadar em águas perigosas. *Deve haver algo poderoso aqui.* Por que outro motivo Kil'jaeden iria querer mantê-lo na ignorância? *Eu preciso obedecê-lo, mas não preciso confiar nele,* decidiu Gul'dan. Kil'jaeden era conhecido como "o Enganador", e não era sem motivo.

— Posso pelo menos perguntar o que é que essa ilha possui de interesse?

"A TUMBA DE SARGERAS."

Naquele instante, um silêncio mortal se abateu sobre o lugar. Os abutres se afastaram. Pequenos roedores desapareceram em suas tocas.

Alguém se aproximava. Gul'dan parou e esperou. Aos poucos, com muito cuidado, envolveu-se em poder vil, um truque simples, mas eficaz. Quem estivesse a mais de dois passos de distância não veria Gul'dan — e quem chegasse mais perto em pouco tempo já não veria mais nada.

Ele continuou atento, mas sua cabeça estava mil. — A tumba de Sargerass? Ele está morto? — sussurrou ele.

"VOCÊ NÃO COMPREENDE NADA."

Kil'jaeden dera aquela resposta a muitas perguntas de Gul'dan. O orc quase perdia a paciência quando ouvia aquilo.

Alguém se movia entre as pedras. Gul'dan pressentiu antes de ver quem era.

Uma movimentação rápida chamou sua atenção. Nem um pedregulho se mexeu quando um vulto coberto com um manto deslizou com passos silenciosos. Ela chegou a uma clareira iluminada, e Gul'dan viu a armadura verde e as lâminas curvas rebrilhando. Cada movimento era repleto de autoconfiança e propósito. Nem um centímetro de pele estava visível sob o elmo, mas ela não parecia ter dificuldades de vistoriar seus arredores.

Gul'dan sorriu. Cordana Vilcanto vestia algo parecido. Uma Vigilante? Ali? Interessante.

Ele ficou tentado a armar uma emboscada, mas ela estava indo para o norte. Ele a seguiu. Onde havia uma, certamente haveria mais. Os Noctívoros eram fracos, e suas essências vitais deram pouco poder a Gul'dan. As almas dos Vigilantes valeriam o tempo dispendido na coleta.

Kil'jaeden não disse nada para detê-lo. E o orgulho de Gul'dan sofria uma tortura indizível só de cogitar se o mestre lhe concederia aquele pouco de liberdade.

A magia de Gul'dan o manteve escondido enquanto ele se apressava em seguir a Vigilante. Duas vezes ele teve que porque ela mudara de curso, desviando-se em padrões irregulares e depois retornando à direção original. Ela procurava alguma coisa. Procurava por ele? Seria improvável. Só um grande tolo pensaria em caçar Gul'dan sozinho. Até Hadggar buscara o auxílio de aliados.

Logo a Vigilante dobrou o canto de um penhasco e saiu em um platô. Outros seis já estavam no local.

Sim...

Gul'dan ficou nas sombras, reunindo poder enquanto a Vigilante que ele seguira se juntava aos outros. Só conseguia ouvir trechos da conversa.

"... Noctívoros mortos..."

"... navio afundado no horizonte..."

"... como queira, guardiã Cantonegro."

Gul'dan olhou com atenção. Aquele nome era familiar. Onde ele tinha ouvido... Ah, sim. Maiev Cantonegro. Era a líder de Cordana, e seu nome era temido. "Se ela descobrir a minha traição", dissera Cordana, "eu vou ter que implorar por um fim tão rápido quanto o de Illidan."

Se Gul'dan matasse Maiev agora, seria uma ameaça a menos com que se preocupar.

Ele preparou a emboscada, um redemoinho calcinante e mortal. Eles não tinham chance. Nem sequer desconfiavam da sua presença. Gul'dan ergueu as mãos e...

"ESCONDA-SE".

A voz de Kil'jaeden atroou em seu crânio. Gul'dan quase caiu com o impacto. Ele baixou os braços, esquecendo-se da emboscada. "O que...?"

Então ele ouviu.

O crocitar de um corvo rasgou o céu.

Gul'dan dissipou seu ataque imediatamente, esperando que não tivesse sido detectado. Ele olhou para cima. O corvo desceu em um rasante. Gul'dan pensou que tinha sido visto.

Mas o corvo apenas rodeou o platô duas vezes e depois mergulhou na direção dos Vigilantes. Eles o viram se aproximar. Em um piscar de olhos, o corvo se transformou. O homem que ficou em seu lugar avançou com passos confiantes.

Os olhos de Gul'dan faiscaram. Ele rilhou os dentes com tanta força que chegou a doer.

— Olá, Maiev — disse Hadggar, tirando uma pena do ombro.

— Não me lembro de mandar chamar você, Arquimago — respondeu a líder, fria.

— Seu charme lendário não diminuiu nem um pouco — respondeu Hadggar. Então ele se aproximou dela e começou a falar, baixo demais para que Gul'dan pudesse ouvir.

Gul'dan praguejou baixinho: — Eu devia matar esse tolo agora mesmo.

"ELES SÃO IRRELEVANTES. VÁ EMBORA".

— Eu posso matar todos eles.

"VOCÊ NÃO VEIO AQUI PARA LIDAR COM ELES. OBEDEÇA, GUL'DAN".

Hadggar estava bem ali. Vulnerável.

Naquele instante, Gul'dan pensou em se rebelar. Sabia que se unir à Legião Ardente exigiria sacrifícios. Ele aceitara isso. Em troca, recebera um poder tremendo.

Mas ele não fizera um pacto para se tornar um títere.

Ele tinha transformado outros em escravos obedientes — e se o filho idiota de Grommash Grito Infernal não tivesse interferido, teria transformado muitos mais —, mas esse não seria o destino de Gul'dan. Não. Seu destino era governar mundos para a Legião. Um serviço, não escravidão. *Se a Legião não concorda, então o pacto já está quebrado*, pensou Gul'dan.

Mas, naquele instante, rebelar-se significava morrer. Havia inimigos por toda parte. Aquele mundo era estranho e estava contra ele. Gul'dan nem sabia qual era o poder que a Legião queria que ele obtivesse. Kil'jaeden o mantivera em rédea curta. Curta demais para se rebelar.

Por enquanto, Gul'dan iria bancar o servo obediente. — Eu sirvo, Kil'jaeden. — Ele se retirou lentamente.

"SEU DESTINO FICA A LESTE DAQUI. ENCONTRE UM MODO DE ATRAVESSAR A ENSEADA. VOCÊ NÃO TEM MAIS TEMPO PARA SURAMAR."

Gul'dan teve uma ideia de como proceder. Ele deixou Hadggar e os Vigilantes para trás e retornou à costa oriental. Ali, no topo de um navio naufragado com marcas da Aliança, havia um pequeno bote. Estava preso ao navio por uma única corda podre. Um puxão firme o fez cair nas ondas plácidas. Nunca tinha remado antes, mas era simples de aprender e ele não precisava ir muito longe. Logo ele tinha se afastado o suficiente da costa — e de Hadggar — para deixar os remos de lado e usar meios mais agradáveis de se propelir. Uma fosforescência esverdeada rebrilhou no rastro do bote. De vez em quando, alguns peixes irrompiam na superfície.

Kil'jaeden o manteve na direção certa, e uma hora depois o destino de Gul'dan surgiu no horizonte. A ilha era plana e continha uma estranha estrutura que se erguia bem alto. De perto, ela assomava imponente acima de Gul'dan. Um monumento. Uma promessa. Torres e anteparas irregulares davam testemunho de sua importância. Qualquer que fosse sua função atual, antes havia sido uma verdadeira fortaleza. Para invadir o lugar, seria preciso uma força invasora ainda maior do que a que a Horda de Ferro tinha planejado para aquele mundo.

Por que um lugar assim estaria abandonado? Talvez sua hora tivesse passado. Mas Kil'jaeden tinha motivos para levá-lo até ali. Não saber quais eram enfurecia Gul'dan.

Ele se sentiu desconfortável ao se aproximar. A ilha *era* familiar. Não a visão dela. Algo ecoava naquele lugar, algum vestígio do seu próprio poder — do poder do *outro* Gul'dan — que permanecera ali já há décadas. Gul'dan já não duvidava de que tinha estado ali antes.

O casco apodrecido do bote se despedaçou quando Gul'dan atracou na costa sombria. Ele percorreu o resto do caminho até a tumba misteriosa, onde pressentiu a magia estranha de quem tinha selado a entrada. Havia barreiras físicas de pedra e metal encantado, bem como vários portões e travas arcanos. Um problema simples de resolver. Gul'dan começou a tecer a magia vil em padrões complexos, desmantelando cada obstáculo com facilidade.

— O que há lá dentro? Guardas? Armadilhas? — perguntou Gul'dan.

"O SEU OBJETIVO."

Gul'dan estacou. Não era a resposta que ele esperava. — O que você quer que eu faça?

"VOCÊ ABRIRÁ O CAMINHO PARA NÓS."

Gul'dan não entendeu. — Nós tentamos isso em Draenor. — Tinha custado um esforço considerável. E não dera em nada.

"LÁ, VOCÊ MESMO TENTOU LIMPAR O CAMINHO. AQUI VOCÊ SÓ VAI PRECISAR GIRAR A CHAVE. ENTÃO VOCÊ CONHECERÁ NOSSO PODER VERDADEIRO."

Outra barreira caiu. Aquela continha uma armadilha. Dezenas de lanças de fogo e poder arcano voaram na direção de Gul'dan. Ele fez um gesto despreocupado e as lanças desapareceram. Seus pensamentos estavam em outro lugar. — Era isso que o outro Gul'dan deveria ter feito. O que houve?

"VOCÊ NÃO CUMPRIU SEU OBJETIVO."

— Não era eu — grunhiu Gul'dan.

"É O QUE VAMOS VER."

— No que ele errou?

"FOI DESLEAL."

Gul'dan não podia acreditar em nada que o Enganador dizia. Talvez ali, assim como em Draenor, tivesse sido a Legião a fracassar.

Mas eles não me trouxeram aqui duas vezes à toa. Algo lá dentro era tão poderoso que nem a morte afastaria Gul'dan de seu destino. Talvez aquele destino estivesse alinhado com os planos de seus mestres. Talvez não.

Aquilo fez Gul'dan sorrir.

A última proteção da entrada da tumba se esfacelou. Gul'dan arrebentou a porta com um baque ensurdecador. Agora ele precisava agir rápido; o barulho iria atrair atenção.

— Conduza-me, Kil'jaeden — disse Gul'dan. — Eu vou conseguir.

Ele adentrou as trevas da Tumba de Sargeras. O lugar era gigantesco, com incontáveis corredores descendo para o subterrâneo. O peso da magia de milênios passados e os destinos das almas daquele mundo apressavam Gul'dan, e ele avançou rapidamente. Kil'jaeden não precisava mais espicaçá-lo. Ele estava ansioso para descobrir os segredos da tumba, pois o poder ali escondido, fosse qual fosse, logo estaria em suas mãos.

Não nas mãos da Legião. Nas suas.

Parte dois: Velhos amigos

A voz de Maiev Cantonegro era fria. — Já acabou, Arquimago? — perguntou ela.

— Quase. — O tempo era curto. Hadggar enviou o último elemental com instruções simples. — Encontre Gul'dan. — A criatura, com a forma de uma lágrima e feita toda de energia arcana, flutuou para longe. Outros constructos idênticos já cruzavam a ilha de uma ponta a outra, vasculhando as sombras. Era uma pena não serem fortes o bastante para lutar, mas Hadggar saberia no mesmo instante quando um deles fosse destruído.

Havia alguns minutos, Hadggar sentira um traço de corrupção, que evanescera em seguida. Se Gul'dan estava por perto, já devia ter se retirado. Pena. — Pronto. Desculpe, Guardiã. Agora vamos falar sobre nossa busca.

— Sua busca, não a nossa — respondeu ela.

— Ah, então os Vigilantes não se preocupam mais com invasores? Bom saber. — Hadggar manteve o tom neutro. — Se Gul'dan é bem-vindo aqui, então eu não tenho com o que me preocupar.

Maiev não gostou de ouvir isso. — Se Gul'dan estiver mesmo aqui...

— Ele está — disse Hadggar.

— Se ele estiver — repetiu Maiev —, nós cuidaremos dele. Depois que discutirmos os seus fracassos em Draenor.

— Perdão?

— Nós confiamos uma Vigilante a você. Uma irmã corajosa e leal que se destacou inúmeras vezes — começou ela.

— Maiev...

— E no entanto bastaram alguns meses ao seu lado para que ela se tornasse uma traidora. Por que, Hadggar? O que você fez que a levou para o lado da Legião Ardente?

— Pergunte a Cordana da próxima vez que a vir — disse Hadggar, tão calmamente quanto pôde. Era como se Maiev tivesse enfiado uma faca em seu peito. — Tenho certeza de que você conseguirá extrair uma resposta dela. Não foi para isso que eu vim aqui.

— Ela nos enviou relatórios, Hadggar — disse Maiev. — Cordana tinha dúvidas quanto ao seu julgamento. Dúvidas sérias.

— Não temos tempo...

— "Irresponsável. Arrogante. Impreciso. Turrão. Não aceita conselhos." E essas foram só as primeiras impressões dela. — Maiev e seus Vigilantes permaneceram parados, severos, uma muralha de censura em que nenhuma outra emoção era visível. — Você pode ter mudado ao longo dos anos, Hadggar, mas tudo isso me pareceu bem familiar.

— Se você quiser falar sobre erros do passado, tudo bem — disse Hadggar. — Vai demorar alguns meses para contabilizar os meus. E mais alguns para incluir os seus também. — Os olhos de Maiev se estreitaram, mas Hadggar insistiu. — Nós podemos fazer isso mais tarde. Agora, olhe para o sul. — Ele apontou para o mar. — Sei que seus Vigilantes viram fumaça acima da água. Foi o que sobrou do navio que Gul'dan roubou. Ele o incendiou, junto com todos dentro. — Os últimos resquícios de humor desapareceram de sua voz. — Gul'dan está aqui. Logo você vai começar a encontrar cadáveres. — Hadggar viu a maneira como os Vigilantes se encaravam. — Ah. Vocês já encontraram. Alguém importante?

Os olhos da guardiã o encararam, penetrantes. — Alguns Noctívoros. Nós enviamos Cordana com você para impedir esse tipo de desastre.

— O desastre verdadeiro ainda pode ser impedido. A história não está se repetindo — disse Hadggar. — Este Gul'dan não sabia como chegar aqui. Não foi nem escolha dele vir pelo Portal Negro. Alguém está conduzindo todos os seus passos.

— Por quê? Para onde? A Tumba de Sargeraz? Ela está vazia — disse Maiev. — Ner'zhul roubou um pouco do seu poder. Illidan levou o resto.

Hadggar sacudiu a cabeça. — Maiev. Você sabe o que os mestres dele querem: uma porta aberta para Azeroth. Eles já tentaram criar uma lá antes. Talvez eles queiram tentar novamente

— Isso não é possível.

— Não para nós dois. A Legião não dispenderia tanto esforço em uma tarefa inútil. Gul'dan está aqui para reivindicar a tumba em nome deles. Ajude-me, Maiev. Você e seus Vigilantes. Juntos, nós podemos detê-lo. Não é isso que o seu dever exige?"

Maiev encarou Hadggar sem piscar. Alguns instantes se passaram.

Então ela tomou sua decisão.

— A mim! — ordenou ela. Os Vigilantes se reuniram à sua volta em um instante. As ordens vieram rapidamente. — Reúnam todos na Câmara do Traidor. Talvez precisemos mudar tudo o que está lá dentro de lugar.

Hadggar ficou sem saber o que dizer.

As tropas de Maiev a saudaram e responderam em uníssono. — Sim, guardiã Cantonegro! — Sem hesitar, partiram velozes na direção sul. Na direção oposta à da tumba.

Hadggar não disse nada. Não podia. Maiev tinha instruído os Vigilantes a partir. Eles não ajudariam. — Maiev, o que você está fazendo? — finalmente perguntou.

Maiev o encarou. Com seus subordinados longe, suas palavras eram como um martelo na bigorna. — Você não conseguiu deter Gul'dan em Draenor. Você não conseguiu detê-lo aqui. Ele roubou um navio, não foi? É tão difícil assim para um corvo rastrear um navio, um veículo lento, movido pelo vento? Fracassos, um oceano de fracassos.

Hadggar não podia acreditar no que estava ouvindo. — É a Legião Ardente que estamos enfrentando. Você não sabe nada do que nós enfrentamos em Draenor.

Mas Maiev não tinha terminado. — Gul'dan navegou para as Ilhas Partidas antes de você conseguir alcançá-lo. E aí, o que aconteceu? Um incêndiozinho permitiu que ele escapasse e nadasse o resto do caminho?

Um incêndiozinho.

Era um navio mercante. Muito passageiro a bordo. Quando Hadggar avistou a embarcação, Gul'dan já havia empilhado os cadáveres ressequidos dos adultos no convés e alinhara todas as crianças à sua frente como escudos vivos.

E então, com uma única centelha de fogo vil...

A lembrança enfureceu Hadggar e ele falou sem pensar. — Eu esqueci. Você nunca sofre reveses assim. Me diga uma coisa, quantas das suas irmãs você deixou para morrer durante sua caçada a Illidan?

Houve um silêncio absoluto na clareira. Cada segundo que passava ampliava mais o abismo entre eles.

Quando Maiev falou, foi peremptória.

— Qualquer ajuda que eu lhe prestasse seria desperdiçada. Além disso, você está errado. Não resta mais nada na tumba. Qualquer resquício de poder que havia lá agora está contido nos restos de Illidan. Que estão na Câmara. É isso que a Legião quer. É para lá que Gul'dan iria. O meu dever exige que eu vá até lá para detê-lo.

Hadggar se conteve antes de responder ríspidamente. Ele precisava realmente da ajuda dela: — Guardiã Cantonegro — disse ele, quase implorando. — Você conhece a tumba. Eu não. Isso pode ser uma vantagem crucial.

Maiev virou as costas. — Boa sorte, Arquimago. Quando você compreender seu erro, pode ir me encontrar na Câmara. Temos muito mais a discutir. — E Maiev partiu veloz atrás dos Vigilantes.

Hadggar não a chamou. — Que seja — disse ele, suavemente. Em instantes, Maiev tinha sumido e Hadggar voava alto no céu em forma de corvo. Ele rodeou os destroços, tentando detectar Gul'dan. Nada. Não havia nenhuma presença além dos Noctívoros escondidos. Ou Gul'dan encontrara um caminho pela enseada até Thal'dranath, ou fugira para o norte, na direção de Suramar e Alta Montanha. Uma dessas possibilidades era bem mais perigosa. Hadggar avançou na direção do mar aberto, aproximando-se da ilha sombria com a antiga estrutura abandonada apontando para o céu.

Pela primeira vez em anos, talvez décadas, Hadggar sentiu-se desesperado. Nem avançar pelo Portal Negro em uma missão suicida lhe incutira tanto medo. Na época, o objetivo da Horda de Ferro era claro: conquista. O fracasso de Hadggar significaria sua morte. Mesmo o sucesso talvez exigisse o sacrifício final. Havia certa paz naquele pensamento. Mas a Legião Ardente... Hadggar a estudara por tanto tempo e ainda não descobrira seus verdadeiros objetivos. O que aconteceria depois que escravizassem ou incinerassem todas as criaturas? Ele não sabia. E temia a resposta.

Esse era um dos motivos pelos quais ele se concentrara em Gul'dan quando estava em Draenor. Dava para aprender muito vendo como seus oponentes movimentavam os peões.

E a Legião tinha enviado seu peão direto para a Tumba de Sargerass, pensou Hadggar. Maiev estava certa, em parte: o lugar já não tinha nada de útil há muito tempo. As últimas nags tinham sido exterminadas pelo Kirin Tor, e os poucos artefatos de poder restantes foram entregues à custódia das Guardiãs. Travas e proteções arcanas complexas estavam dispostas por toda a estrutura, fortes o suficiente para manter ladrões, aventureiros e outros agentes sinistros do lado de fora.

Seria necessário um indivíduo bastante motivado e poderoso para entrar. Ou seja, Gul'dan não teria problemas. Bastava descobrir como ele planejava entrar...

CABUM.

Bom. *Um mistério resolvido*, pensou Hadggar. O som abafado e distante chegou aos seus ouvidos e então uma poderosa onda de choque sacudiu o ar. Seus olhos de corvo voltaram-se

para baixo, na direção da ilha de Thal'dranath, enquanto o vento tremulava ao roçar em suas asas. Uma nuvem de poeira se erguia da Tumba de Sargerass. Ele mergulhou em direção a ela.

A entrada jazia em ruínas, completamente destruída. Hadggar desceu traçando espirais, suas penas mudando para pele e cabelo grisalho, gadanhos tornando-se pés metidos em botas de solado macio. Aconteceu num átimo, como sempre. De todos os truques que aprendera com seu mentor, aquele ainda era o seu favorito. Quando seus pés tocaram o chão, ele abriu os braços, afastando a névoa de poeira e pedra pulverizada que pairava no local. Todas as barreiras — mágicas e físicas — que protegiam a tumba tinham sido removidas. Só restavam resíduos de magia vil. Aquilo era coisa de Gul'dan.

Hadggar ficou parado. Ouvindo. Sentindo. Ele podia sentir o formigar distante da magia vil. Gul'dan estava lá dentro. Já trabalhando.

Seria extremamente arriscado entrar sozinho, e demoraria muito para percorrer a tumba um corredor de cada vez. O interior era como um labirinto. Não haveria maneira fácil de seguir os passos de Gul'dan.

A não ser que...

Não. Era uma ideia idiota.

Hadggar respirou fundo. Expirou. Ainda era uma ideia idiota. Mas nada melhor lhe ocorreu.

— Muito bem — disse ele, com resignação sombria. *Se é pra ser, melhor me apressar.*

Hadggar correu para dentro e sentiu dor imediatamente. Uma poça negra se abriu sob seus pés. Emissários do caos, vindos de outro plano de existência, agarraram suas pernas. O toque deles queimava, embora fosse gélido, e sua força era suficiente para reduzir ossos a pó. Hadggar disparou uma rajada arcana em seus rostos sem forma e se libertou.

A armadilha de Gul'dan tinha falhado. A primeira armadilha. Haveria muitas outras, claro. — E isso é bom — murmurou Hadggar. Quando chegou a um aposento que se bifurcava em dois corredores, ele disparou jatos de energia nos dois.

Fogo explodiu no túnel à esquerda. Perfeito.

Hadggar dobrou à esquerda e atravessou as chamas. Uns cem metros adiante havia outra bifurcação. O túnel ao norte rebrilhava de energia. Hadggar nem precisou parar para ativar a armadilha.

Gul'dan estava sendo conduzido em rédea curta. Isso era claro. Não teria tempo de deixar rastros falsos. Hadggar continuou correndo. Ele podia se guiar pelas armadilhas deixadas por Gul'dan. Não era um plano tão ruim, no final.

Corredor após corredor, passagem após passagem, Hadggar continuou a correr. As armadilhas de Gul'dan eram fracas, pois tinham sido criadas às pressas. Hadggar se recusou a ir mais devagar. Isso salvou sua vida quando um raio gigante veio de uma direção inesperada. Se Hadggar estivesse um passo atrás, a lança de fogo verde teria perfurado o coração em vez da capa.

À medida que penetrava mais na tumba, Hadggar notou as linhas elegantes insculpidas nas paredes. Runas arcanas? Aquele era um lugar inusitado para elas. Eram estranhas, mais avançadas do que qualquer coisa que Hadggar já tivesse visto. Aquilo era perturbador. Algumas estavam brilhando. Gul'dan não tinha experiência com magia arcana.

Ou tinha? Os pensamentos de Hadggar se sucediam, frenéticos. O que está acontecendo? Aquele lugar tinha sido fortificado há muitas eras por Aegwynn, a mais poderosa Guardiã a pisar naquele mundo. O que ela tivesse feito ali era bem mais avançado que as habilidades de Hadggar.

E ela estava sob influência de Sargeras ao fortificar o lugar.

Aquele pensamento fez Hadggar parar. Outra armadilha, a centímetros de distância, tremeu e explodiu. Ele se protegeu, grunhindo contrafeito, e não sentiu nada. Uma das runas estava gravada no teto do corredor. Ele a estudou cuidadosamente. Sim, jamais vira uma runa parecida, mas o modo como os ângulos se curvavam, como a energia era canalizada... parecia ter um propósito familiar.

Uma runa assim podia ser usada como parte de uma "fechadura".

E então Hadggar percebeu, horrorizado, que não era uma fechadura. Aquela runa era um pequeno pedaço de uma chave. Uma chave enorme, escondida na própria estrutura da tumba. A complexidade daquilo era... cósmica. Hadggar não conseguiu pensar em nenhuma outra palavra. Tentar compreender o mecanismo final a partir de uma única runa era como tentar estudar o oceano a partir de uma única gota.

— Que a Luz nos ajude — sussurrou Hadggar. Não havia mistério quanto ao que seria aberto pela chave. A Legião Ardente tinha tentado criar um portal ali há muito, muito tempo. E não havia conseguido. O poder da Legião ficou inerte. Todos os estudiosos do Kirin Tor concordavam nisso.

A Legião Ardente sabe de algo que você não sabe, senão o títere deles não estaria aqui,
Hadggar recordou.

Aegwynn tinha construído aquela chave de propósito? Ou fora influenciada por Sargerass, que perverteu suas ações de modo tão sutil que ela nem sequer percebeu? Hadggar não sabia. Tudo o que ele podia discernir era que aquela runa tinha um propósito deliberado. Se tentasse manipulá-la, ela provavelmente bloquearia o seu poder. Ou o refletiria nele, o que costumava ser fatal.

Ele começou a correr novamente. Gul'dan estava perto. Se Hadggar eliminasse o único servo da Legião na ilha, os planos dos demônios seriam reduzidos a pó.

Os corredores logo embicaram na mesma direção. Hadggar deixou que o conduzissem mais para dentro, na direção dos pulsos latejantes de magia vil. Não havia mais armadilhas.

Uma passagem estreita e ornada com entalhes levou Hadggar até uma câmara altíssima, cujo teto se perdia nas sombras no alto. E, no centro do aposento, estava sua presa.

Gul'dan estava agachado, fazendo pequenos gestos diante de um ladrilho brilhante no chão. Ele virou a cabeça e Hadggar viu seus olhos vermelhos se arregalarem de surpresa.

Hadggar avançou sem hesitar. — Quanto tempo, velho amigo. — Energia letal irrompeu das mãos do arquimago. — Eu estava esperando por isso.

Gul'dan rosnou. — Estava, é?

Fogo verde explodiu contra poder violeta.

A Tumba de Sargerass tremeu. A luta tinha começado.

Parte três: A fúria da tumba

Ondas colossais de energia se chocaram, girando em um vórtice pulsante de poder arcano e vil. A grande câmara tremia e sacudia, atravessada por torrentes de fogo, mas Gul'dan e Hadggar não se moviam, não se esquivavam, nem sequer piscavam.

Em vez disso, Hadggar sorria, mostrando os dentes. Seus braços estavam estendidos; seu queixo estava erguido. Não havia truques ali. Só uma torrente contínua de poder puro.

O fogo eclodia onde suas fúrias colidiam. O próprio ar ameaçava se incendiar. Se isso acontecesse, tudo dentro da tumba seria destruído. Inclusive Hadggar e Gul'dan.

E nem um nem o outro estava recuando.

"GUL'DAN, PARE COM ISSO."

Aquela voz odiosa de novo. Kil'jaeden. Gul'dan berrou: — Fique fora disso!

"OBEDEÇA-ME. RECUE."

— Eu posso matá-lo! — grunhiu Gul'dan.

Hadggar sorriu. Suor começava a porejar em sua testa. — Quem é esse, Gul'dan? Quem controla a sua coleira? Gul'dan respondeu com um rugido sem palavras, arremessando ainda mais poder na direção do arquimago. Faíscas voaram, mas Hadggar desviou a energia com uma risada áspera. — Qual dos seus mestres nós ainda não matamos?

A voz de Kil'jaeden preencheu o crânio de Gul'dan.

"ACABE COM ISSO! NENHUM DE VOCÊS PODE MORRER HOJE."

— O quê?!

"PARE COM ISSO AGORA MESMO!"

Não era apenas uma ordem. Era um ultimato. Gul'dan iria obedecer, ou seria afastado da Legião naquele mesmo instante.

Assim, ele obedeceu. Gul'dan abriu bem os braços, espalhando seu poder em uma fina camada de puro fogo vil. O ataque de Hadggar atravessou a barreira, mas, quando ela se desfez, liberou uma explosão de luz cegante. Hadggar protegeu os olhos. Quando o clarão se dissipou, Gul'dan já não estava lá.

Hadggar se empertigou e deu tapinhas nos ombros. Os fios da sua veste tinham começado a ficar chamuscados. — "Eu sei que você ainda está aqui, Gul'dan — disse ele. — Você não tem mais para onde ir.

Gul'dan espreitava nas sombras. O pequeno truque que ele usara contra os Vigilantes impediria que Hadggar o percebesse visualmente, mas sabia que o arquimago tinha outras maneiras de encontrá-lo. — Eu não posso terminar sua tarefa sem que ele me detecte — disse a Kil'jaeden, discretamente. — Deixe-me matá-lo.

"ELE FARÁ DE **TUDO** PARA OBTER A VITÓRIA. ISSO NOS DARÁ UMA BOA OPORTUNIDADE. MAIS TARDE."

Gul'dan não fazia ideia do que aquilo significava. Mas agora sabia que a Legião Ardente também tinha planos para Hadggar.

E isso gerava questões interessantes. *Eles realmente acham que podem fazê-lo mudar de lado? Se conseguirem, será que ainda vão precisar de mim?* Uma vez mais, a traição lhe pareceu uma alternativa atraente.

Gul'dan continuou se movendo nas sombras. Hadggar tinha começado a lançar orbes de luz arcana, dissipando as sombras pouco a pouco.

Ele também enchia a câmara de palavras. — Qual é o seu grau de importância, Gul'dan? É Kil'jaeden quem comanda você? Ou apenas um dos paus-mandados dele?

Sua voz parecia vir de toda parte ao mesmo tempo. Uma boa ideia, que disfarçava sua localização. Logo Gul'dan atinou com um modo de fazer o mesmo. Ele usou um pouco de poder vil, e então sua voz também ecoou pela câmara. — Hadggar. Eu nunca lhe agradei por sua ajuda. Teria sido difícil acabar com a Horda de Ferro sozinho. Você e seus amigos foram bastante úteis.

Hadggar riu. — Ah, claro. E acabou tudo dando tão certo pra você, não é? Eu ajudo você assim sempre que você quiser. — Ele girou e um rojão de fogo chispou na direção de Gul'dan. Pilares de pedra evaporaram e rochas desabaram do teto como uma avalanche.

Gul'dan não se mexeu e deixou que a poeira assentasse. O ataque errara o alvo por apenas alguns passos. Talvez ele não tivesse se camuflado tão bem quanto imaginou... Mas, depois de um instante, Hadggar virou para outro lado. Um golpe de sorte e nada mais.

Gul'dan tinha a visão desimpedida das costas de Hadggar, mas estava proibido de atacar. Aquilo era absurdo. Talvez pudesse "cometer um erro" no calor da batalha. *Kil'jaeden pode ficar furioso*, pensou Gul'dan, *mas ele precisa de mim*. Quando a hora fosse apropriada, Gul'dan iria testar essa teoria.

Até lá, ele precisava se apressar em concluir aquela missão. Não podia mais hesitar a cada passo. — Kil'jaeden, diga o que esta tumba guarda e como eu posso libertar o que há lá dentro — sussurrou Gul'dan.

Houve silêncio. E então, finalmente, Kil'jaeden cedeu.

"OUÇA COM ATENÇÃO..."

Gul'dan ouviu. Enquanto Kil'jaeden falava, ele não conseguiu conter um sorriso.

Hadggar caminhava lentamente ao redor do centro da câmara, sem cuidar em abafar suas passadas. A área era gigantesca. Fileiras de pilares sumiam na escuridão, brilhando com a luz fraca das runas semiadormecidas. Gul'dan tinha uma infinidade de lugares para se esconder ali. Seria mais fácil atraí-lo do que caçá-lo entre as sombras.

— Você está com medo, Gul'dan? — Não houve resposta. Hadggar esperava que cada palavra dita e cada passo dado fossem como adagas perfurando o orgulho do bruxo; Gul'dan não parecera muito satisfeito com a ordem de recuar. *A Legião Ardente está conduzindo-o tão de perto assim?* Hadggar manteve o tom de voz leve. — Alguma vez você já teve que derrotar um adversário preparado? Alguém que sabe exatamente o que você é? O outro de você, não. Ele levou sua campanha de Draenor a Azeroth e destruiu cidades inteiras, mas sempre contou com outras pessoas para fazer seu trabalho sujo. Isso deve ser tão desconfortável pra você.

Um suave farfalhar. Pele raspando em tecido. Aquele foi todo o aviso que Hadggar teve. Gul'dan estava erguendo as mãos.

Uma muralha de fogo verde avançou na direção das costas expostas de Hadggar. Ele deixou que se aproximasse. O calor roçou seu pescoço e então ele fez um gesto simples. A magia arcana congelou o ar ao seu redor, cercando-o com uma barreira de gelo.

O fogo de Gul'dan só derreteu algumas gotas da muralha. Com um rosnado, Gul'dan recuou para as sombras novamente. Hadggar sorriu. Outro gesto, e a barreira se esfacelou em milhares de pequenos estilhaços, que caíram no chão produzindo um som musical. Hadggar sacudiu-se para se livrar do frio súbito e continuou a caminhar, sentindo as pedrinhas de gelo derretendo sob a sola das botas. — Você quase me pegou com essa — disse ele.

Um grunhido abafado de dor flutuou pela câmara.

Hadggar teve que rir. — Você não tinha permissão pra me atacar? Que tal a disciplina da Legião, Gul'dan? Agora você vai ser um escravinho bonzinho?

A voz do orc parecia prestes a rachar de tanta raiva sufocada. — Você acredita em destino, humano?

Uma pergunta estranha. — Eu conheço o seu destino.

— E em redenção?

— Redenção? Pra você? Não — retrucou Hadggar.

— Não, não para mim — concordou Gul'dan. — A sua redenção me entedia. Também era insuportável aos olhos do filho de Grito Infernal, pelo que ouvi dizer.

Aquilo era bem verdade. — O que você quer? Não acredito que você se satisfaria em ser uma marionete.

— Eu quero que meus inimigos queimem.

— Que lindo — disse Hadggar. Não havia mais ataques saindo das sombras. Gul'dan estava tentando ganhar tempo.

Hadggar inspecionou a câmara. Um pedestal próximo brilhava, atraindo sua atenção. Ele reconheceu as runas que o recobriam. Eram obra dos antigos Altaneiros. Durante a Guerra dos Antigos, quando a Legião quis abrir um portal ali — o que teria criado um segundo front, de certa forma —, fora preciso um esforço mágico considerável para selar a passagem. Era exatamente aquilo que ele tinha diante dos olhos: um dos cinco lacres. Ele só os conhecia pelos livros. Hadggar se inclinou para examinar o pedestal. Era uma obra fascinante, muito precisa, embora feita às pressas. E ainda estava ativo, pulsando com energia violeta ao...

Houve um barulho. O lacre faiscou em verde e então se apagou. Hadggar ficou olhando. Depois de alguns instantes, uma fumaça tóxica se desprende do pedestal, que então se apagou permanentemente.

O lacre tinha sido rompido diante dos seus olhos. Hadggar sentiu um comichão em sua mente. Gul'dan. Embora estivesse escondido, ele estava rompendo os lacres.

E quando todos fossem rompidos? A Legião venceria. Hadggar não podia esperar mais. Ele moldou energia em um formato de lágrima, da altura dos seus ombros, e então a preencheu com poder. Dois braços apareceram e o elemental arcano abriu os olhos. — Eu sirvo — disse ele.

Hadggar apontou para as sombras. — Tem alguém se escondendo aqui. Corra por aí e derrube algumas rochas até conseguir expulsá-lo.

— Eu obedeco — disse o elemental. Ele não podia correr de fato, pois não tinha pernas, mas foi flutuando até o lado direito da câmara sem fazer perguntas. Aquilo era bom. Elementais podiam ser bem literalistas, mas aquele iria acabar topando com Gul'dan. Mas por que usar apenas um? Hadggar evocou mais elementais. Era hora de apertar o bruxo.

E seus mestres também, com alguma sorte, pensou Hadggar. De repente, ele teve outra ideia. Distrações podiam assumir muitas formas, afinal.

— Então, Gul'dan — disse ele. — Eu preciso perguntar: a Legião contou para você como foi a sua morte?

Não era eu, pensou Gul'dan. Mas sua irritação e sua curiosidade disputavam o domínio de suas atenções naquele momento. Será que o arquimago realmente sabia qual tinha sido o fim do outro Gul'dan?

Kil'jaeden pareceu ler seus pensamentos.

"IGNORE-O."

— Eu estou ignorando — sibilou Gul'dan. Quando ele atacara Hadggar, sua desobediência provocara um castigo imediato. Aquilo o deixou ainda mais furioso. *Os escravos do Malho Imponente são mais bem tratados do que isso*, pensou.

Ele averiguou a câmara. Nenhum dos constructos de Hadggar estava perto dele. Gul'dan estava usando apenas uma faísca de poder vil, pequena demais até para Hadggar notar.

Mas isso era tudo de que o bruxo precisava.

Kil'jaeden revelara a verdade sobre a tumba. A estrutura original tinha sido protegida contra invasores demoníacos há milhares de anos, mas Gul'dan não era um demônio. Não exatamente. Havia muito poder ali, e nem todo ele vinha da Legião. O poder tinha sido escondido, invertido e disposto de maneira tão habilidosa que apenas uma pessoa o havia descoberto até então. Mas, depois de dez mil anos de descuido, os lacres, criados com poder titânico por mortais imperfeitos, continham pequenas imperfeições. Fraquezas fatais.

A Legião não podia tocar nos lacres, mas os demônios os tinham estudado. Os antigos projetistas os criaram para que matassem quem tentasse rompê-los, mas Gul'dan sabia exatamente como romper os cinco em segurança.

Um já tinha se rompido, e Gul'dan ainda estava vivo. A Legião estava fornecendo informações confiáveis. Faltavam quatro agora.

Gul'dan se esforçou e sentiu algo cedendo. Toda a tumba estremeceu. Outro laço se rompeu. Faltavam três. Ele olhou para Hadggar, que, de cabeça inclinada, não parecia compreender a magnitude do que havia acontecido. Romper os laços não era um evento tão dramático quanto Gul'dan esperava.

Todo o poder que a Legião tinha preparado para abrir o portal parecia chamar Gul'dan de longe. Esse poder passara muito tempo adormecido e queria ser usado.

O interessante é que Gul'dan começava a suspeitar que a Legião não tinha conhecimento da outra fonte de poder que havia na tumba. Mas, embora o sentisse, não podia utilizá-la. Era irrelevante... por enquanto.

A voz de Hadggar se intrometeu em seus pensamentos. — A Horda — a primeira Horda — tinha invadido Lordaeron. Você a abandonou para vir para cá. — Um dos elementais de Hadggar se aproximou flutuando de Gul'dan, mas não o viu. — Esta ilha estava sob o mar. Você a ergueu. Foi bem impressionante.

Gul'dan se concentrou na tarefa, e seus dedos tremiam sem que ele se desse conta. Seu poder vil manobrava entre as runas da tumba em busca do terceiro laço. *Ali está ele*. Gul'dan tentou agarrar-se a ele. Era impossível, estava escorregadio. Sempre que tentava abrir o ponto fraco, errava. Era como tentar desatar um nó de teias de aranha na escuridão. Com os pés.

— E, como recompensa pela sua lealdade, você sabe o que aconteceu com você, Gul'dan? — perguntou Hadggar.

Subitamente, a magia de Gul'dan fugiu do seu controle. O terceiro laço não se rompeu — foi estilhaçado.

Um ribombar sinistro ecoou pelo aposento e então houve um barulho como de um grande impacto. Gul'dan estacou. Os constructos de Hadggar pararam de se mover. Um zumbido baixo começou a ressoar e uma fosforescência fraca entre o verde e o violeta começou a brilhar de cada pedra no chão e nas paredes da câmara.

Gul'dan não tinha apenas aberto o terceiro laço. Sem querer, tinha aberto o quarto também. Era um milagre ele não ter morrido.

Restava apenas um laço. O prazer de Kil'jaeden era evidente.

"BOM TRABALHO. DESTRUA O ÚLTIMO."

Gul'dan hesitou. O último lacre era diferente. Ele o inspecionou, mas não havia ponto fraco. Parecia fortíssimo e, a cada instante, ficava mais poderoso. A própria tumba alimentava o seu poder. Energia arcana fluía na direção dele.

Aquilo era complexo demais para ser fruto do acaso. Alguém previu aquele momento e criou um mecanismo para impedir. Gul'dan sentia que havia outra fonte de poder envolvida. Foi a outra mortal, a que havia tomado aquele local muitos séculos antes. Era coisa dela.

— Kil'jaeden, o que está acontecendo? — sussurrou Gul'dan.

Não houve resposta.

Mais luz preencheu a câmara. Gul'dan podia sentir que Hadggar preparava uma quantidade incrível de poder arcano. O arquimago tinha perfeita noção de que algo impressionante estava acontecendo. — Agora eu sei por que este lugar é tão estranho — disse Hadggar. — Eu não sinto nada assim desde minha época de aprendiz. Eu não sei por que eu estou sentindo o poder de uma guardiã, Gul'dan...

Hadggar disparou energia. Gul'dan se preparou, mas a magia arcana não foi em sua direção. Parada a uma certa altura, uma cunha brilhante de ponta afiada com o triplo do tamanho de Hadggar se materializou, faiscando. Hadggar fez um gesto e a cunha apontou para o chão.

A voz do arquimago evidenciava esforço e determinação. — ... mas eu sei o que ela está tentando fazer. — Os elementais arcanos foram até a cunha. Seus braços uniram-se a ela. — E acho que eu posso ajudar.

Gul'dan sentiu uma onda de pânico vinda de Kil'jaeden.

Os elementais forçaram para baixo. A cunha bateu no chão, rachando a pedra. Toda a câmara sacudiu e Gul'dan caiu.

"MATE-O! MATE-O AGORA, GUL'DAN!"

Lá se foram os planos de Kil'jaeden. Gul'dan se ergueu, deixando o manto negro cair dos ombros. Não havia mais razão para se esconder. Deixou de lado todos os truques. — Eu obedeco, Kil'jaeden — disse o orc, erguendo as mãos.

Hadggar o viu imediatamente. — Então é Kil'jaeden — disse ele, sorrindo e estendendo as mãos.

Os poderes de Hadggar e Gul'dan se chocaram com um estrondo ensurdecedor. O calor da batalha amoleceu as pedras sob seus pés. Os elementais arcanos ergueram a cunha

novamente. A câmara sacudiu. Pilares desabaram. Os mecanismos elaborados que deveriam abrir um portal estavam estremecendo e se desfazendo. A cunha subiu e desceu. Os clarões rodopiantes verdes e violeta piscaram.

O lugar estava prestes a ruir. Hadggar ia acabar derrubando toda a câmara e, com ela, o portal da Legião.

Gul'dan arremessava ataque atrás de ataque. Hadggar desviava todos. Ele não precisava arriscar um contra-ataque. Estava vencendo.

— Kil'jaeden — sussurrou Gul'dan —, eu preciso do poder da tumba.

"Não."

— Ainda resta um lacre, e ele está protegido! Eu não posso rompê-lo e matar Hadggar ao mesmo tempo! — As palavras eram como vergastadas na boca de Gul'dan. — Ele teve décadas para me estudar. Ele vai me atrasar.

"VOCÊ VAI ME TRAIR."

Gul'dan canalizou mais poder em seus ataques. Hadggar balançou, mas susteve. Gul'dan rosnou, frustrado. — Hadggar vai destruir a tumba. A Legião jamais terá outra chance de usar esse lugar. Se não acreditam que eu quero ver esse idiota morto, então acreditem nisto: todos os seus planos vão virar pó.

Suor pingava do rosto de Hadggar. — Eu esqueci de terminar a história — disse ele. — Quando você entrou na Tumba de Sargerass, você morreu em uma emboscada.

Gul'dan podia sentir a indecisão de Kil'jaeden. *O Enganador me conhece bem demais*, pensou. Mas havia algo novo, um lago de fogo em outro reino, subitamente ao seu alcance...

— O outro Gul'dan não morreu pelas mãos da Aliança, nem pelas da Horda que ele traiu — disse Hadggar. Gul'dan não conseguia ignorá-lo. — Ele entrou na tumba e foi completamente esfaqueado por demônios. Presumo que ele não tinha mais utilidade para a Legião Ardente.

As palavras deixaram Gul'dan desorientado.

Há muito tempo, ele fora um pária em Draenor, sem nenhuma ambição a não ser encontrar o que comer. A Legião abriu sua mente para uma verdade simples: era impossível ignorar a força. Ele jamais passou fome de novo.

Hadggar lhe mostrara outra verdade: a força de Gul'dan deixaria de ser útil. Não era apenas uma possibilidade que a Legião o descartasse. Era uma certeza. Era o destino.

E então o poder o invadiu.

Hadggar ainda estava falando: — Eu me pergunto o que eles vão fazer com você, Gul'dan, quando cumprirem seus objetivos. — Ele fez uma pausa. A leveza abandonara sua voz; devia ter percebido a mudança. — O que você está fazendo, bruxo?

Gul'dan parou de atacar Hadggar e voltou seus esforços para o último lacre. Toda a sua própria força e todo o poder emprestado. Agarrou-o com um punho de energia vil...

... e o esmagou. A energia letal dele reagiu violentamente, chispando contra a sua.

E num piscar de olhos as proteções sumiram. A reserva da Legião Ardente, força suficiente para estilhaçar as barreiras entre os mundos, tinha se libertado, e fluía na direção do portal enterrado bem fundo no centro da ilha.

Toda essa força nunca chegou ao seu destino. Gul'dan a interceptou.

Fogo encheu a mente de Gul'dan. Ele gritou, com as mãos na cabeça e olhos bem fechados. Esqueceu-se de Hadggar e da tumba. Suas defesas cederam e a fúria arcana de Hadggar se abateu sobre ele. Não sentiu nada. Estava sufocando em poder, afogando-se em um oceano sem fim.

Era vil. E belo. Ele bebeu bastante.

Ele sentiu dor.

E então reencontrou seu equilíbrio e seu controle.

Aquilo... aquilo era poder de verdade. Era aquilo que ele desejara por tanto tempo. Era aquilo que a Legião Ardente tinha prometido: força que não podia ser ignorada.

No entanto, tudo o que os demônios tinham lhe dado até o momento eram migalhas. Por que dar mais poder a um tolo descartável?

Gul'dan abriu os olhos. — Adeus, Arquimago — disse ele, erguendo apenas um dedo.

Hadggar se protegeu em um casulo de gelo.

Fúria cataclísmica irrompeu de seus dedos. A câmara sacudiu como um navio em alto mar. Os elementais arcanos e a cunha se evaporaram em um segundo.

O bloco de gelo e o arquimago dentro dele não passavam de um pedregulho em um furacão. Entretanto, por mais que o bruxo fizesse pressão, ele não se partia. Aquilo surpreendeu Gul'dan. Ele se sentia como se pudesse rachar todo o mundo se quisesse. Mas aquele era um pequeno inconveniente. Hadggar morreria depois. Gul'dan fez um gesto e o bloco de gelo foi arremessado pela passagem, para longe de sua vista. Então fez o arco desmoronar, selando a câmara com toneladas de pedra. Se Hadggar ainda estivesse vivo, não seria mais um problema.

Gul'dan venceu. O poder dentro dele era inimaginável. As possibilidades, ilimitadas.

No entanto, Kil'jaeden ainda achava que podia dar ordens.

"VOCÊ FEZ UM PACTO, GUL'DAN. TERMINE SUA TAREFA. ABRA O CAMINHO PARA NÓS."

Gul'dan respirou fundo, saboreando o momento.

— Não, Kil'jaeden — respondeu ele. — Eu não vou fazer isso.

Parte quatro: Sozinho afinal

Hadggar se ergueu lentamente, tremendo. Cada centímetro do seu corpo doía. Estilhaços de gelo derretendo deslizavam por ele e espatifavam-se no chão. Era assim que era a morte? Aquele frio entorpecente, a tristeza do fracasso completo?

O corredor estava escuro. Hadggar evocou uma bola de luz, iluminando a parede de rocha desabada no local onde antes havia uma passagem.

Gul'dan estava do outro lado, manipulando a magia que arrastaria Azeroth para o apocalipse.

Hadggar afastou o horror que sentia. Gul'dan ainda não tinha aberto os portões para a Legião. Talvez a aula de história do arquimago tivesse funcionado.

Ele evocou outra cunha arcana e a enfiou no meio da pilha de rochas, começando a desbastá-la. Ainda havia esperança. Sempre havia esperança.

Ele tinha que acreditar nisso.

Kil'jaeden estava quieto. Gul'dan, não.

— Eu não acredito que Hadggar estivesse mentindo — disse o orc. Ele estava calmo. Em Draenor, os garns também ficavam calmos antes de se banquetearem. — O outro. O outro Gul'dan. Ele morreu aqui, nas mãos da Legião, não foi?

"Sim."

Gul'dan baixou a cabeça. — Então... A Legião Ardente não honra seus pactos. — Com aquele poder, ele não precisava da Legião. Podia conquistar Azeroth sozinho e fazer chover fogo em todos que se opusessem. A primeira vítima seria Hadggar. Mas o fogo seria um fim glorioso demais para ele. O outro Gul'dan tinha erguido aquela ilha; seria adequado devolvê-la às profundezas. Quanto tempo um arquimago conseguiria sobreviver debaixo d'água? Seria divertido descobrir. — Parte de mim sempre acreditou que nosso arranjo não iria durar.

"ISSO É PORQUE VOCÊ É UM TOLO. TÃO TOLO AGORA QUANTO ERA ANTES."

As palavras de Kil'jaeden ecoavam com reprovação. Gul'dan sorriu.

— Um tolo avisado, pelo menos.

Mas Kil'jaeden não tinha terminado.

"EU ESTAVA LÁ QUANDO VOCÊ SE UNIU A NÓS PELA PRIMEIRA VEZ. AMBIÇÃO FALSA SEMPRE ENVENENOU SUA MENTE, GUL'DAN."

O contentamento de Gul'dan foi interrompido pela raiva. — Falsa? — Ele usou sua nova força para chegar até Kil'jaeden por meio de seu vínculo com ele. Viu o rosto do eredar. — Você pretendia me descartar desde o começo.

Os olhos flamejantes de Kil'jaeden encararam os de Gul'dan sem piscar.

"NÃO, GUL'DAN. NÓS TENTAMOS OS FRACOS COM BERLOQUES E RECOMPENSAS ÍNFIMAS. A VOCÊ NÓS PROMETEMOS MUITO, MAS MUITO MAIS."

Gul'dan fez um ricto de desprezo. — Uma isca maior para um peixe maior. Mas no final vocês teriam me estripado da mesma forma.

"VOCÊ MORREU PORQUE NOS TRAIU. ERA PARA VOCÊ AJUDAR A MINHA HORDA A EXTERMINAR TODA A RESISTÊNCIA NESTE MUNDO. MAS, NA HORA DA VERDADE, VOCÊ OS ABANDONOU. VOCÊ DIVIDIU OS EXÉRCITOS PARA CONQUISTAR ESTE LUGAR. NOSSOS PLANOS NÃO DERAM EM NADA. VOCÊ MERECEU O DESTINO QUE TEVE."

— Aquele não era eu! — rosnou Gul'dan.

"A TRAIÇÃO ESTÁ NA SUA NATUREZA. EU ARRASTEI VOCÊ AQUI PELA COLEIRA PORQUE VOCÊ AINDA É TOLO DE MAIS PARA PERCEBER O SEU VERDADEIRO POTENCIAL. MESMO AGORA, VOCÊ ACHA QUE O PODER QUE TEM É SIGNIFICATIVO. VOCÊ NÃO TEM VISÃO."

Kil'jaeden estava sentado em um trono gigante feito de metal e cristais polidos, estratos de materiais que Gul'dan jamais vira. Então ele se levantou. Os sentidos aguçados de Gul'dan lhe concediam um vislumbre de outro mundo. Havia um cheiro ali, um certo peso. Perguntou-se qual seria o nome daquela terra. Perguntou-se se algum dia chegaria ali. O que seria preciso para conquistar um lugar assim?

"EU ESPERAVA QUE VOCÊ POSSUÍSSE MAIS VISÃO QUE O SEU OUTRO EU. TALVEZ VOCÊ AINDA VENHA A POSSUIR."

— Receio que você vai se decepcionar de novo, mestre — disse Gul'dan. — Eu não vejo motivo para superar minha ambição falsa.

Era inútil. Levaria dias para Hadggar retornar à Câmara usando a cunha. Talvez ele tivesse apenas segundos para tentar deter Gul'dan. A pilha de rochas parecia não ter fim.

Talvez houvesse um ponto de ataque melhor. Um ponto em que as paredes e o solo não fossem tão espessos. Qualquer coisa. E se ele conjurasse mais elementais arcanos? Não. Eles não eram fortes o bastante.

Os pensamentos de Hadggar não deixavam que ele se concentrasse no aqui e agora. Como seria o fim de Azeroth? O quanto seria queimado? Quantos de seus habitantes seriam escravizados? Quantos de seus campeões iriam preferir se corromper a morrer?

Quantos mundos eles conquistariam em nome da Legião?

Então uma voz mudou tudo.

— Você parece estar se saindo tão bem quanto eu esperava, Arquimago.

Hadggar não se virou para que seu alívio não ficasse evidente. — Que bom que fizemos barulho suficiente para atrair sua atenção. Existe algum lugar onde possamos atravessar? Algum ponto com menos rochas entre nós e ele? — perguntou.

Maiev Cantonegro se aproximou dele, estudando a parede de destroços. — Podemos procurar. Gul'dan está sozinho?

Aquela pergunta era complicada. — Vamos dizer que sim, por enquanto. Nós não temos muito tempo.

— É claro que não.

— Maiev. — A expressão de Hadggar era sombria. Ela tinha retornado; merecia ser alertada. — Eu fracassei.

Ela o encarou sem expressão. — E...?

— Nós não temos poder o bastante para detê-lo agora.

— Não estou vendo você correr.

Era verdade. — Então que assim seja.

— Por aqui. — Ela o conduziu pelo túnel leste.

Kil'jaeden se inclinou. O ar pareceu tremer.

"DESDE O COMEÇO VOCÊ ACREDITOU QUE ESTAVA DESTINADO A OBTER GRANDE PODER. E ESTÁ. VOCÊ TAMBÉM ACREDITOU QUE ESTAVA DESTINADO A SER O SEU PRÓPRIO MESTRE."

As palavras seguintes ribombaram, peremptórias.

"ISSO NUNCA VAI ACONTECER."

— Não? — disse Gul'dan, calmamente. — Dadas as circunstâncias...

"TODA CRIATURA SERVE A UM MESTRE. ATÉ EU. ESSA É A ESCOLHA QUE TODOS DEVEM FAZER: SERVIR A ALGUÉM OU MORRER SOZINHO."

Gul'dan não se comoveu. — Talvez você se curve a mim algum dia, Enganador.

"ATÉ ONDE VOCÊ CONSEGUE CHEGAR? QUANTOS MUNDOS VOCÊ PODE GOVERNAR? O PODER QUE VOCÊ TEM NÃO DURARÁ PARA SEMPRE. VOCÊ NÃO É NADA DIANTE DA LEGIÃO."

— Veremos.

"Servidão não é aprisionamento. VOCÊ SERVIRÁ A MIM. OUTROS SERVIRÃO A VOCÊ. IMAGINE SER O MESTRE DE TANTAS ALMAS. IMAGINE AS FILEIRAS DA LEGIÃO AO SEU COMANDO. IMAGINE O QUE VOCÊ **DESTRUIRÁ** PARA NÓS."

Gul'dan encarou Kil'jaeden. Todo o seu poder. Toda a sua fúria. *E no entanto ele não pode mais me fazer obedecer, pensou. Eu não preciso de suas promessas vazias.*

Kil'jaeden pareceu sentir a distância aumentar entre eles.

"JÁ CHEGA, GUL'DAN. FAÇA SUA ESCOLHA. VOCÊ PODE PROVAR SUA LEALDADE. DEVOLVA O PODER AO PORTAL E O CAMINHO SERÁ ABERTO. OU VOCÊ PODE NOS TRAIR DE NOVO. SUA ÚNICA SATISFAÇÃO ANTES DE NÓS DESTRUIRMOS VOCÊ SERÁ A SUA VINGANÇA SEM SENTIDO CONTRA ESSES MORTAIS INSIGNIFICANTES."

O eredar se despediu com mais uma observação:

"SAIBA DE UMA COISA: VOCÊ PODE ME CHAMAR DE 'ENGANADOR', MAS EU NÃO MENTI PARA VOCÊ. NEM UMA ÚNICA VEZ. NÃO NESTE MUNDO, E NEM NO SEU."

Dizendo isso, Kil'jaeden expulsou a consciência de Gul'dan para longe.

A câmara estava silenciosa, e Gul'dan enfim estava sozinho. Kil'jaeden estava bem longe dali.

O único distúrbio era um leve tremor. Hadggar estava tentando entrar cavando. Um esforço inútil.

E quanto à Legião Ardente... não era uma decisão difícil. Os dias de servidão de Gul'dan tinham acabado. Não havia nada que pudesse detê-lo. Ele não tinha mais mestre algum.

Uma centelha de dúvida surgiu em seu íntimo. Ele fez uma careta e esperou que o poder fluindo em suas veias desse cabo dela. Não foi o que aconteceu.

Gul'dan estava ficando irritado. Talvez fosse uma fraqueza mortal que não poderia jamais ser extinta: a falta de autoconfiança. Ele examinou seus sentimentos. Tinha suprema confiança na força que possuía. De onde vinha aquela incerteza?

O chão tremeu outra vez. Hadggar. E ele não estava mais sozinho. Gul'dan podia sentir Maiev Cantonegro também. Ela estava de volta. Aquilo era inesperado. Quando Gul'dan os vira antes, tinha notado inimizade entre eles. Agora a inimizade parecia superada — rápido demais, e isso o inquietava. Estavam trabalhando juntos.

Eles queriam entrar? Maravilha. Que eles venham para sua morte. Matá-los iria dar uma boa arejada nos pensamentos de Gul'dan.

E então não haveria ninguém mais em Azeroth para se opor a ele.

Exceto...

Pronto. Ali estava a dúvida de novo.

Hadggar tinha sido completamente derrotado, e no entanto não havia desistido. Cantonegro se opusera à mera presença do arquimago e agora arriscava a vida para ajudá-lo. Eles eram apenas dois. Havia outros.

Esses outros...

Juntos... eles enfrentaram a Horda de Ferro e venceram.

Juntos... eles correram para a batalha contra a Horda corrompida. Invadiram a cidadela de Gul'dan e a deixaram em ruínas.

Juntos... eles enfrentaram a Legião Ardente. Derrotaram Arquimonde. Se não haviam fugido dele, não fugiriam de nada.

Horror genuíno dominou a mente de Gul'dan. Ele estava em um mundo singular com criaturas bem mais tenazes até que o arquimago. Teria que enfrentar todos eles.

Sozinho.

Sem responder a mestre algum.

Mas sozinho.

Gul'dan não tinha ideia da magnitude de seu novo poder, mas do poder deles, sim. Ele ficou na tumba por um bom tempo. Pensando. Calculando.

Rochas caíram na câmara. Hadggar avançou pelo buraco e entrou. Maiev o seguiu, com a Crescente da Umbra preparada para golpear.

Juntos, eles correram em sua direção. Gul'dan apenas observou. Eles golpearam. Ele os afastou sem erguer um dedo, e os dois foram arremessados do outro lado da câmara. Maiev girou no alto e atingiu a parede suavemente, agachando-se, enquanto Hadggar desapareceu no ar e simplesmente reapareceu, já em pé, no chão. Eles tentaram de novo. Aí Gul'dan precisou se mexer, pois a lâmina de Maiev errou sua garganta por um fio. Hadggar fez chover gelo. Gul'dan bateu palmas e muralhas de fogo verde se chocaram. Hadggar deveria ser esmagado feito um inseto, mas conseguiu saltar e ficar fora de perigo. E a guardiã Cantonegro estava tentando eviscerá-lo *outra vez*. Ele estendeu o braço para arrancar a alma dela, mas o poder de Hadggar o impediu, redirecionando a força de Gul'dan e permitindo que ela escapasse

— Ajudem-me a compreender. — A voz de Gul'dan estava estranhamente calma, até para ele próprio. — Por que vocês lutam? Não há nada a fazer aqui além de morrer.

— Então mate-nos, se puder — rosnou Hadggar. Cantonegro firmou-se em pé e bateu com a lâmina duas vezes num pilar, um gesto que confirmava o desafio do arquimago.

Gul'dan não tinha dúvidas de que conseguia matar os dois. Mas eles já deviam estar mortos. A resistência teimosa era exatamente o que enfrentaria naquele mundo, vez após vez após vez. Hadggar e Cantonegro eram apenas os primeiros de muitos.

Eu não posso derrotar todos eles sozinho.

Gul'dan podia matar aqueles dois. Ou podia obedecer à Legião Ardente.

Ele fechou os olhos. Com um grunhido, deixou que aquele poder fantástico escapasse de seus dedos. Kil'jaeden o capturou e redirecionou direto para a tumba. As paredes brilharam ainda mais forte, rivalizando com o sol do meio-dia.

Gul'dan teve uma forte sensação de perda. Todo aquele poder se fora, sendo agora consumido pela tumba. Sons terríveis, sons magníficos, sons ensurdecedores anunciavam a criação de uma ponte que unia dois mundos. De repente, o caminho estava aberto. Ar soprou vindo de outro plano de existência, rugindo na câmara com a velocidade de um furacão. Hadggar e Maiev caíram no chão, segurando-se como podiam.

E então ele ouviu aquela voz familiar.

"MUITO BEM, GUL'DAN. VOCÊ TEM MESMO A VISÃO QUE EU ESPERAVA QUE TIVESSE."

As palavras de Kil'jaeden não ecoavam mais em sua mente. Não precisavam mais. Gul'dan sentiu algo novo vindo da Legião Ardente: confiança. Era uma sensação intoxicante.

— O que eu faço agora? — perguntou Gul'dan.

"OBSERVE. VEJA O QUE VOCÊ HERDARÁ."

Kil'jaeden puxou Gul'dan para o outro lado, para testemunhar a glória da Legião.

Luz se derramou sobre a sombra infinita, iluminando as fileiras de um exército que se estendia para além do horizonte. Estavam prontos. Sempre estiveram. Mas nunca antes tinham tido um caminho desimpedido. Não dessa maneira. Poder pulsante os convocava para outro reino e eles obedeciam com alegria.

— É mais do que eu sonhei um dia — sussurrou Gul'dan.

"É O COMEÇO DO FIM DE AZEROTH."

E ali estava diante deles: Azeroth. Gul'dan ficou de lado enquanto as tropas da Legião Ardente avançavam. Sempre em frente. Logo ele se juntaria a elas. Não como servo.

Como líder.

As batidas do coração de Hadggar pulsavam forte em seus ouvidos, abafando o barulho daquele pesadelo que tinha ganhado vida. — Continue, Maiev! — gritou ele, correndo.

Ela continuou correndo, mas não respondeu. Não havia mais nada a dizer.

A Legião Ardente tinha chegado.

Gul'dan desaparecera diante de seus olhos, e imediatamente outros surgiram em seu lugar. Muitos outros. Não havia nada que Hadggar e Maiev pudessem fazer além de fugir. A Legião já os perseguia, e Hadggar não ousava olhar para trás. As paredes ao seu redor estavam brilhando e se esfacelando.

Gul'dan conseguira destruir os cinco lacres bem debaixo do nariz de Hadggar, e o portal adormecido havia despertado.

Eu não posso refazer os lacres, pensou Hadggar, em desespero. Não conseguia nem conceber a quantidade de poder necessária para isso. Assim, ele correu.

A luz do sol apareceu depois de uma passagem adiante. Maiev chegou lá primeiro e virou para o norte. — Eu vou voltar para a câmara! Você afasta eles de lá!

Hadggar foi para o leste. — Boa sorte, Guardiã!

— Lute e morra bem, arquimago!

Ele abriu os braços e decolou na forma de corvo, canalizando magia em uma exibição fantástica de som e luz.

Funcionou. Um coro de guinchos irrompeu atrás dele. Arriscou-se a olhar para trás. O chão parecia ferver, recoberto pelo enxame da vanguarda de um exército que desejava conquistar tudo. O céu estava escurecendo, oculto sob uma coluna crescente de fumaça verde que se erguia da ilha. Viu um vulto conhecido ali. Gul'dan levitava no meio daquele inferno, e sua gargalhada acompanhava os horrores que havia libertado. Ele apontou para Hadggar. Bandos de demônios alados avançaram, obedientes. O arquimago se esforçou para ganhar velocidade. As forças da Legião o perseguiriam incansavelmente. Aquilo talvez desse a Maiev e seus Vigilantes o tempo de que precisavam.

Talvez não.

Mas ela retornou. Uma vitória pequena em meio a tantos fracassos, mas uma vitória.

Ele uniu-se a uma corrente ascendente e deixou que ela o levasse pelo céu. Aquilo já não dizia mais respeito apenas a Maiev, Hadggar ou mesmo Gul'dan.

Devia haver alguma forma de deter a Legião.

Hadggar tinha fracassado. Ele precisava de respostas. Se ficasse ali, iria morrer.

Assim, continuou voando. Os demônios não deram sinal de que iriam desacelerar nem quando ele sobrevoou o mar aberto, deixando as Ilhas Partidas para trás. Iria avisar o Kirin Tor. A Aliança e a Horda. Todos. Eles responderiam ao chamado, como Maiev.

Ele tinha que acreditar nisso.

O grande pesadelo estava começando, e ninguém em Azeroth conseguiria acordar dele sozinho.

FIM

©2016 BLIZZARD ENTERTAINMENT, INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Legion é marca, e World of Warcraft, Warcraft e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos Estado Unidos e em outros países.